

4 Artesanato & Design – transversalidade

O Design é um campo de estudo que traz em seu cerne uma indagação: o que é Design?

Toda disciplina, apesar de possuir diferentes visões, tem em sua definição seu alicerce. Por ser uma disciplina nova, com aproximadamente quarenta e cinco anos de existência no Brasil, os alicerces que fundamentam o Design, não são os mais fortes, porque as percepções sobre esta disciplina são as mais diversas.

Chegar a uma única definição é quase impossível e não seria proveitoso para este campo de estudo. “A tentativa de determinar uma definição unidimensional para o designer faculta a constituição de um erro, já que esbarra no próprio delineamento conceitual de uma área abrangente e interdisciplinar que é o Design” (Almeida Junior, 2004).

Cada estudioso então, conforme sua experiência, sua atuação na área, sua época na história, possui uma definição diferente para o Design. “Design é o processo de pensamento consistindo na criação de uma entidade”¹³ (Miller, 2004); “Design é o processo de conceber, planejar, projetar, coordenar, selecionar e organizar uma série de elementos – normalmente textuais e visuais – para a criação de comunicações visuais” (Frascara apud Farbiarz, J., 2007); “O campo de ação do designer é o da configuração de objetos” (Bonfim, 1997, p.36);

O design é uma atividade criativa cujo objetivo é estabelecer as qualidades multifacetadas de objetos, processos, serviços e os seus sistemas nos seus ciclos de vida. Por isso, o design é o fator central de uma inovadora humanização de tecnologias e o fator crucial da troca cultural e econômica¹⁴ (ICSID/IDA, 2007).

Esses exemplos de diferentes definições, mesmo tendo como ponto em comum, definir Design como processo, pelas suas diferenças e juntamente com outras definições, geram uma discussão epistemológica que poderá levar à definição do campo. Essa definição, contudo não se dará de forma

¹³ Tradução livre da autora da dissertação

¹⁴ Tradução livre da autora da dissertação

“unidimensional”, seu intuito será compreender em quais campos o Design se insere e quais as áreas de atuação do designer.

Enquanto não se alcança essa definição, o Design é associado a outros campos de estudo, por ser um campo potencialmente transdisciplinar e transversal. É interdisciplinar porque se relaciona com outras áreas, utilizando conhecimentos de ambas na construção de seus objetos, suas linguagens e formas de comunicação.

A interdisciplinaridade pressupõe novos questionamentos, novas buscas, transformação da própria realidade. Implica uma mudança de atitude, que possibilita o conhecimento, por parte do indivíduo, dos limites de seu saber para poder acolher contribuições de outras disciplinas. Interdisciplinaridade deve ser, pois, entendida antes de tudo, como atitude, pautada pelo rompimento com a postura positivista de fragmentação, visando a compreensão mais ampla da realidade. Através desta postura é que ocorre a interação efetiva, sinônimo do interdisciplinar (Couto, 1997, p. 35).

É transversal porque “apóia-se na intercomunicação entre as áreas de conhecimento, tratando efetivamente de um tema/objetivo comum (transversal) por meio de projetos de integração e reintegração das diversas dimensões dos saberes” (Nojima *et al.*, 2006)”. Na transversalidade a delimitação das áreas de conhecimento não é tão rígida. É possível o intercâmbio dos saberes, através de um ponto em comum existente entre eles. Assim como na educação, a transversalidade no design “(...) promove uma compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos” (Brasil, 1998, p.30).

O Design, então, “visita” os outros campos e por vezes é “visitado”. “Visita” refere-se exatamente a essa interação do conhecimento e não é apenas o Design que tem essa característica. Na construção de objetos de ensino-aprendizagem pelos professores de ensino fundamental (material didático artesanal) isso fica claro. Mesmo não possuindo um conhecimento aprofundado de Design ou de suas teorias, o professor constrói objetos de comunicação visual, objetos tridimensionais, que têm uma linguagem específica, com intuito de alcançar um público-alvo (alunos) e com objetivos específicos. Ao mesmo tempo, este produto é manufaturado, sendo então classificado como artesanal.

Artesanato seria o resultado qualificado pela mão-de-obra, pela ação direta do homem em elaborar, em manufaturar. (...) Artesanato seria o feito-a-mão, um toque de qualidade humana acima daquele toque, daquela massificação do produto que a máquina imprime (Valladares, 1986, p.14).

O artesanato e o Design possuem similaridades e por isso, muitas vezes se encontram, se confundem, surgindo assim a pergunta: Qual a diferença entre Design e artesanato? O que difere esses dois campos são as técnicas de produção? O que é produto do Design e o que é produto do artesanato? Neste capítulo essas perguntas são abordadas.

4.1. Os meios e modos de produção artesanal

O artesanato é “a arte e a técnica do trabalho manual não industrializado, realizado por artesão, e que escapa à produção em série; tem finalidade a um tempo utilitária e artística” (Houaiss, 2007). Para então diferenciar o artesanato do Design nesta dissertação, é necessário compreender um pouco melhor os meios e modos de produção artesanal, porque eles serão a base dessa diferenciação.

Durante muito tempo, o único modo de produção de objetos era o artesanal. Existiam as Corporações nas quais o mestre artesão, juntamente com seus aprendizes, criavam os objetos do início ao fim, ou seja, não havia uma divisão de tarefas. Mestre e aprendizes detinham todo o conhecimento do processo de construção. Porém alguns detalhes na confecção do objeto não eram transmitidos aos alunos, para que estes se mantivessem subordinados ao seu mestre.

Na realidade, o aprendizado na Idade Média, bem como depois, ao menos até o século XVII, deve ser entendido em senso lato, ou seja, como um tipo de experiência guiada de caráter adestrador, em que se aprendiam diretamente os comportamentos exigidos para uma certa função ocupacional, não importa se ‘mecânica’ ou intelectual ou espiritual, mais poucas cognições consideradas constitutivas da própria função transmitida predominantemente através da palavra e dos atos do mestre, seja na oficina, seja na igreja ou na escola (Rugiu, 1998, p. 75).

Contudo, as Corporações acabam perdendo força no século XVIII, com a difusão da manufaturas. Estas acabam por desqualificar o modo de produção artesanal, tornando-o ultrapassado.

Sabe-se que o século XVIII assinalou o definitivo desaparecimento do regime de Corporações (mesmo se em alguns estados a sua supressão legal acontecerá na primeira metade do século sucessivo), ou melhor, daquilo que ficou no velho regime, *principalmente o fim da sobrevivência das oficinas artesanais operantes também como comunidades formativas que transmitiam um completo pacote de conhecimentos e de habilidades operativas, junto às justas interiorizações da ideologia de ação herdada por cada ofício* (Rugiu, 1998, p. 127).

Assim com o fim das Corporações, com a revolução industrial e a implantação das máquinas na produção, o artesanato perde força e valor, porque o consumidor muda seu olhar sobre o produto.

A rápida decadência do artesanato somente se manifestou depois da metade do século XVIII, com o aumento das exigências de um comércio de massa, no qual a quantidade tinha importância maior do que a qualidade. O artesanato não tinha condições de responder a esta demanda, porque suas dificuldades eram agravadas pelas exigências da moda (PAP, Cunha *et al.*, 1994, p.7).

O mestre artesão, assim como o consumidor, muda sua percepção sobre seus produtos. Antes a divisão do trabalho não existia nas oficinas e Corporações. Mas esta realidade muda, pela necessidade do mestre artesão se adequar a nova realidade para não ser “engolido” pelo novo regime.

(...) o mestre, que antes se importava em ser ele próprio versátil e polivalente, para não ser ultrapassado pelos seus alunos e poder mantê-los sempre sob controle, recorre agora com prazer, à divisão interna do trabalho e não rejeita mais, se para ele são vantajosas, as encomendas externas para os melhores aprendizes (Rugiu, 1998, p. 92).

O produto artesanal dificilmente é produzido em série, em escala industrial, pois, dependendo do produto, é necessário um tempo maior para sua produção. Também o tipo de matéria-prima utilizada influirá nos meios e modos de produção, pois caso a matéria-prima não esteja acessível ao produtor, ele adaptará o produto a um novo material, ou não o produzirá mais. Assim a forma como um objeto artesanal é produzido, dependerá de alguns fatores como tempo disponível, recursos financeiros e matéria-prima. Por isso, com a implementação do capitalismo, este tipo de produção perde espaço no mercado, porque os produtos industriais são produzidos rapidamente e seu custo é menor.

O artesanato não deixa de existir, mas sofre alterações conforme as mudanças históricas e a sociedade em que se apresenta. “O modo de produção se

articulará com a particularidade histórica, o perfil social, bem como a inserção internacional a partir da vida política local da sociedade em questão” (PAP, Cunha *et al*, 1994, p.7).

Apesar de muitas comunidades no Brasil ainda utilizarem o artesanato como forma de subsistência, já existe uma outra percepção sobre esta forma de produção. Para alguns grupos sociais, o artesanato é visto como um hobby. “O artesanato é motivador de uma conduta criativa” (Valladares, 1986, p.11). Sob esta ótica, a produção de cadernos, quadros, toalhas de mesa, tapetes, entre outros, são uma forma de expressão e não de subsistência. “No passado, os produtos feitos a mão eram de absoluta necessidade; em nossa época, são produzidos para pessoas de gosto especial, que podem permitir-se pagar um preço muito maior que o dos produtos feitos em série” (Dondis, 2007, p.210).

O modo de produção artesanal, pode ser utilizado também como um tipo de terapia, a arte-terapia

A arte terapia é uma profissão da área da saúde mental que usa o processo criativo da produção de arte para melhorar e realçar o bem-estar físico, mental e emocional de indivíduos de todas as idades. É baseado na crença que o processo criativo envolvido na auto-expressão artística ajuda a pessoa a resolver conflitos e problemas, desenvolver habilidades interpessoais, controlar o comportamento, reduzir stress, aumentar a auto-estima e o auto-conhecimento, e alcançar o insight (AATA, 2007)

Os meios e modos de produção artesanal se apresentam também no ensino-aprendizagem, na construção de objetos de apoio pelo professor. O professor supre a lacuna que encontra no momento do ensino, com um objeto manufaturado por ele.

Segundo PAP e Cunha *et al.*, dependendo de como o objeto artesanal é produzido, pode ser classificado em uma das seis categorias a seguir descritas:

- 1) Artesanato popular – a obra feita à mão, baseada em motivos tradicionais e que se transmite, de geração a geração, com a utilização da matéria-prima regional.
- 2) Artesanato Artístico – expressa de alguma maneira o sentimento estético individual de um autor com forte presença do imaginário e de caráter utilitário.
- 3) Artesanato Utilitário – produz artigos sem caracterização artística especial, de uso cotidiano na comunidade.
- 4) Trabalhos Manuais – objetos confeccionados a partir de materiais diversos. Geralmente obedecem a receitas ou moldes e são facilmente copiados. Podem ser utilitários ou decorativos (Ex: peças em crochê, pintura em tecido, etc.).

5) “Industrianato” – objetos cuja matéria-prima é industrializada e sua produção é feita em série, utilizando, na maioria das vezes, moldes, formas ou máquinas. A criação pode ser direcionada por ondas temporárias de consumo. Sua cópia pode ser praticada, por não possuir identidades que garanta sua originalidade. Podem ser utilitários ou decorativos. (ex: patos, bonecas.).

6) Produção Alimentar Caseira: produtos resultantes da matéria-prima natural, que passam por um tratamento especial e são transformados, manual ou mecanicamente, sob processos caseiros. (ex: geléias, farinha de mandioca, etc.) (1994, p.5).

No caso dos objetos de ensino-aprendizagem, estes podem ser classificados como “artesanato utilitário” (ibid), já que são utilizados no âmbito escolar, com características específicas para o grupo na qual se inserem.

É possível perceber que a utilização dos meios e modos de produção artesanal e a percepção sobre o artesanato, variam conforme o grupo social pesquisado. As mudanças ocorridas na sociedade e o objetivo de uso e produção, também influenciaram na percepção sobre essa produção.

4.2. Produtos artesanais

Os produtos feitos artesanalmente são os mais diversos. Um souvenir, um caderno, um descanso para copos, uma toalha de mesa, um sapato, uma pintura, etc. A lista é vasta, mas alguns desses produtos feitos à mão, podem também ser produzidos em escala industrial. Então, o que difere um produto industrial de um produto artesanal, além das técnicas de produção? Seria o custo de produção e revenda ou os objetivos por trás dessa criação, que não se limita a questões monetárias?

O produto industrial, para o mercado consumidor, tem por objetivo suprir uma lacuna existente, com um custo baixo de produção, facilidade de fabricação e que satisfaça o cliente.

Entretanto existe uma valorização do produto feito a mão, porque é um item único. Apesar de apresentar uma gama variada, cada um foi feito individualmente, por mãos com as quais podemos nos identificar. Estabelece-se uma relação entre o produtor e o consumidor, o que, por vezes, não ocorre com o produto industrial.

O produto artesanal, como citado anteriormente, pode ser associado à subsistência, hobby, terapia, mas também pode ser relacionado à questão da preservação do meio ambiente e conscientização, devido a mensagem carregada

por este objeto, através da matéria-prima utilizada e pela forma de fabricação. Ao utilizar materiais descartados na natureza para a criação de um objeto, o artesão estará não só produzindo um material de seu interesse pessoal, como amenizará, mesmo que numa escala pequena, os efeitos causados pelo descarte indevido dos produtos.

É o caso do Nordeste brasileiro no aproveitamento do chamado lixo da civilização, das embalagens, de transformar, curiosamente, os objetos descartados, as latas vazias, até embalagens de plástico, utilizada como matéria prima nova, como reciclagem da produção, a ponto de expressar uma nova criatividade, um novo elemento inventivo, crítico, para dentro de uma verdade maior (Valladares, 1986, p.13).

Outro exemplo de aproveitamento criativo são os PUPpets bonecos de pet de Eduardo Andrade. Este estudioso utiliza embalagens PET, na construção de personagens para teatros infantis e que também são utilizados como objetos de ensino-aprendizagem nas escolas. Muitas palestras são ministradas por este pesquisador, em escolas, onde as professoras aprendem a construir esses bonecos para utilizá-los em sala de aula.

O produto gerado pelos meios e modos de produção artesanal pode estar relacionado a diversas áreas. Mas como ele se relaciona ao Design, será compreendido a seguir.

4.3. Relações transversais do Design

O artesanato é uma técnica de produção manual e o produto gerado por ele pode ter diferentes objetivos. Sua diferença em relação ao Design são os meios e modos de produção e o objetivo intrínseco. O produto de Design fabricado de forma diferente, tentando atender um mercado consumidor maior - levando em consideração aqui os produtos industriais, já que muitos produtos de Design visam atingir um pequeno grupo, ou por vezes apenas um indivíduo, por necessidades especiais que este possa ter. O produto artesanal tem uma demanda menor – àquela que ele pode atender e varia conforme o grupo social em que se apresenta.

O designer, para fabricar um produto, seja ele uma marca ou objeto tridimensional, primeiro estabelece o *briefing*¹⁵ do que seu cliente deseja produzir, para qual público-alvo está voltado esse produto e suas características. Em seguida é realizada uma pesquisa junto a este público verificando suas preferências o como este produto teria destaque no mercado. Sequencialmente são feitas pesquisas de materiais, cores, custos, etc., para que finalmente o produto possa ser produzido.

O artesão, também consulta sua clientela sobre seu gosto, o que está “na moda” para que sua venda seja maior. Diferentemente do designer, ele não é um intermediário entre um cliente e o público que este deseja atingir, seu contato é direto com o cliente, seu público-alvo.

É possível perceber então que o ponto em comum entre Design e Artesanato é o projeto, apesar de em cada área serem executados de forma diferente, ambas possuem a ação projetual como seu alicerce.

Todo produto artesanal tem uma linguagem específica, com intuito de alcançar seu público e com objetivos específicos (subsistência, *hobby*, educação, etc.). Um produto de Design segue um *briefing*, para um público-alvo, com intuito de suprir as necessidades desse público e vender seu produto. Assim, nesse ponto em comum são apresentadas as relações transversais do Design. O designer pode se unir ao artesão no ato de projetar um produto, cabendo ao artesão a construção desse, mas com um olhar diferenciado que o Design lhe proporcionou.

Após a compreensão das teorias que perpassam este trabalho (Educação, Pedagogia, Comunicação, Design, Semiótica e modo de produção artesanal) é possível estabelecer uma delimitação de como o Design se apresenta na pesquisa.

Como definimos design forma a base de ambas as nossas expressões teóricas e pragmáticas como designers. Sem entendimento claro do que nós queremos dizer por "design" nós somos capazes de achar-nos vítimas de pensamentos e estilos arbitrários, inconscientes das distorções de estético, forma, e função advogada por outros¹⁶ (Miller, 2004).

¹⁵ Informações necessárias para o desenvolvimento de um produto. Utilizado no Design como delimitador das características do produto, público-alvo e cliente.

¹⁶ Tradução livre da autora da dissertação

Então, é possível definir Design, nesta pesquisa como: projeto. Tal projeto é gerador de linguagens presentes nos produtos de comunicação visual, no caso os objetos artesanais de ensino-aprendizagem. Apesar de serem objetos construídos com técnicas artesanais, influenciados pelo contexto da educação e pedagogia no qual se inserem, o processo de produção, seus elementos constituintes, o suporte em que se apresenta são trabalhados nos campos da comunicação e do Design. Coube a esta dissertação verificar como estes elementos são trabalhados, no momento da construção do objeto de ensino-aprendizagem, de forma diferente por profissionais de outra área e como o designer juntamente com o professor pode gerar novas percepções sobre os objetos.